

ingredientes diversos, como ervas, por exemplo, preparados pelos *moculuçana* (curandeiros)<sup>20</sup>.

Mas o hùmus cultural que enraíza e orienta os comportamentos sociais não pode ser usado como causa “natural” para a crença popular de que a cólera foi deliberadamente introduzida via cloro. Por outras palavras, não existem regras especificamente *macuas*<sup>21</sup> de imputação causal, não há uma organização cognitiva expressamente *macua*<sup>22</sup>.

Portanto, o mito aqui em estudo nada tem a ver com aquilo que o deputado da Renamo, Mafuta Banda, chamou “contexto cultural”<sup>23</sup>. Com efeito, os boatos concernentes à cólera e à acção governamental também são ciclicamente encontrados nas grandes epidemias de cólera registadas na Índia, por exemplo<sup>24</sup>.

Por outro lado, não se podem excluir os efeitos da tensão política e da luta partidária desde 1994. Esses efeitos poderão potencialmente ampliar as expectativas, aumentar a incerteza e tornar mais extremos os comportamentos.

Mas a tese partidária não pode ser utilizada para explicar a inferência aqui em estudo. Na realidade, quando começámos a pesquisa não havia evidência, como já escrevemos, de que agitação

<sup>20</sup> Helena Monteiro, *Diário de campo de Memba, Larde e Angoche*, 06/08/2002 a 26/08/2002; Fátima Colete, *idem*.

<sup>21</sup> Estamos a grafar em português.

<sup>22</sup> A propósito das regras de inferência, veja Boudon, Raymond, *L'art de se persuader des idées douteuses, fragiles ou fausses*. Paris: Fayard, 1990; \_\_\_, *Le juste et le vrai, Études sur l'objectivité des valeurs et de la connaissance*. Paris: Fayard, 1995. Para uma concepção essencialista da cultura macua, veja Geffray, Christian, *Ni père ni mere, Critique de la parenté: le cas makhuwa*. Paris: Seuil, 1990. Finalmente, para uma leitura “universal” do boato, consulte Froissart, Pascal, *La rumeur, Histoire et fantasmes*. Paris: Belin, 2002; Champion-Vincent, Véronique et Renard, Jean-Bruni, *De source sûre, Nouvelles rumeurs d'aujourd'hui*. Paris: Payot, 2002.

<sup>23</sup> “As pessoas agiram num contexto cultural...”, in *Domingo* de 14/07/2002, p.4.

<sup>24</sup> Misra, Kavita, Productivity of Crises/Disease, Scientific Knowledge and State in Africa, in *Economic and Political Weekly (Mumbai)*, October 28, 2000, pp. 3892-3893. Agradecemos a Shubi Ishemo a cedência deste material.

tivesse sido e continuasse a ser obra da Renamo enquanto partido, ainda que porta-vozes seus tivessem admitido a participação de militantes nas chamadas “campanhas de desinformação”<sup>25</sup>.

E mesmo que essa tese pudesse ser comprovada, faltaria, ainda, interrogar-nos sobre as razões que levariam as pessoas a endossá-la.

Não ter em conta essas razões significa transformar as pessoas em papel mata-borrão, em absorvedores acéfalos das ideias dos políticos e em peões de um comportamento mimético<sup>26</sup>.

Também não é suficiente argumentar que as nossas áreas de pesquisa são de influência da Renamo<sup>27</sup>. Semelhante posição, completamente animista, que irremediabiliza os fenómenos e dota os comportamentos de uma substância renamiama *sui generis*, apenas fortifica a preguiça dos raciocínios circulares, um dos quais tem a seguinte estrutura:

- As pessoas acreditam que a cólera é introduzida via cloro

- Por quê?

- Porque as áreas X, Y e Z são da influência da Renamo

- Que provas tem de que as áreas X, Y e Z são da influência da Renamo?

- Não vê que aí as pessoas acreditam que a cólera é introduzida via cloro?<sup>28</sup>

<sup>25</sup> *Domingo...*, *op.cit.*

<sup>26</sup> A tese do mimetismo encontra-se, por exemplo, em Girard, René, *Le bouc émissaire*. Éditions Grasset & Fsquelle, 1982, *passim*. Mas esta obra é, a um outro nível, rica, como teremos ocasião de ver mais à frente.

<sup>27</sup> Mazula, Brazão, *Moçambique/Dados Estatísticos do processo eleitoral*. Maputo: STAE, 1998; STAE, *Eleições Gerais – 1999*. Maputo: STAE, 2001.

<sup>28</sup> Veja, a propósito, Serra, Carlos, *Combates pela mentalidade sociológica*. Maputo: Imprensa Universitária, 1997, p.180.

Recusámos, igualmente, o que intitulamos tese miserabilista-*obscurantista*.

Na verdade, é tentador procurarmos nos indicadores de pobreza de Nampula os pilares do mito. A província, com mais de três milhões de habitantes, possui:

- A terceira mais elevada taxa de analfabetismo do país (70%), sendo a das mulheres a segunda mais elevada (85%);
- A segunda mais elevada taxa do país de insatisfação com os serviços de Saúde (62.4%);
- A segunda mais elevada taxa do país de pessoas que consideram que de 2000 para 2001 a sua situação económica piorou (28%, enquanto 34.3% afirmaram que se manteve na mesma e 13.7% que está muito pior);
- A segunda mais elevada taxa do país de pessoas que levam mais de 60 minutos a chegar à unidade sanitária mais próxima (70%)<sup>29</sup>.

Esses e outros indicadores são, efectivamente, retaguarda importante do mito, são parte do conjunto das suas infra-estruturas sociais.

Mas não podem, em si, só por si, homologar uma leitura miserabilista com saída cómoda para o *obscurantismo*. O pensamento seria, então, o seguinte: porque as pessoas são pobres, as suas regras de inferência são tributárias de uma espécie de mentalidade pré-lógica geradora de uma interpretação enganosa do real.

Ora, o nosso pressuposto foi o de que se a crença é objectivamente falsa, ela faz, porém, sentido para os actores que a adoptaram e a adoptam, ela é sentida como subjectivamente verdadeira.

<sup>29</sup> Instituto Nacional de Estatística, *Questionário de indicadores básicos de bem-estar, Relatório final*. Maputo: 2002, *passim*; Cruzeiro do Sul, Instituto de Investigação para o Desenvolvimento, *Levantamento sócio-económico dos distritos de Moma, Angoche, Mongincual e Mogovolas ano 2000, passim*.

A crença nada tem de irracional, sejam quais forem os processos de inferência causal e o peso do pensamento simbólico do tipo analógico<sup>30</sup>.

Afinal, ela é a fórmula de enunciação de problemas reais que, mais à frente, serão dados a conhecer.

Foi ainda posta de lado a tese do torpor social, a de um suposto estado de letargia popular, de aceitação permanente da injustiça, de felicidade na pobreza<sup>31</sup>, de imobilidade digamos que taxidermista. Na verdade, não são poucas as vezes que várias das vozes produtoras da verdade oficial, das representações legítimas e autorizadas no país, cantam, com regularidade, glosas ao pacifismo dos Moçambicanos, à sua tranquilidade primordial, natural, intransponível, quase genética, tranquilidade que apenas “mãos externas” podem perturbar<sup>32</sup>.

Finalmente, pusemo-nos o desafio de desconstruir a visão de um mundo produzido apenas ou principalmente pelos homens, seja nas práticas, seja nas representações sociais.

Na verdade, quisemos que as mulheres fossem eixos fundamentais no registo perceptual desta pesquisa e partimos do princípio de que elas guardam, contra o secretismo e o machismo representacional masculinos, uma produção de historicidade, uma actualidade e um empenho social pujantes. Essa postura foi também importante na selecção das investigadoras do trabalho de terreno.

Afinal, as mulheres *não* têm existência social: são, quase sempre, produto de uma produção masculina, de uma naturalização androcêntrica, de uma violência simbólica dessocializante, de um

<sup>30</sup> Sobre este tipo de pensamento, veja a secção dedicada à análise das respostas a um questionário administrado a estudantes do EP2.

<sup>31</sup> Consulte, a propósito, Soeur Emmanuelle avec Asso, Philippe, *Richesse de la pauvreté*. Paris: Flammarion, 2001.

<sup>32</sup> O *Notícias* é, a esse respeito, uma fonte exemplar.

reenvio sistemático para o mundo da emoção, da domesticidade, da natureza, da botânica, da palavra aquiescente e, portanto, acrítica<sup>33</sup>.

### 2.3.2. Construção

Vamos, agora, construir um quadro teórico de referência com o qual ao mesmo tempo que procedemos à ruptura com as falsas evidências e as posições parciais, tentamos produzir a lógica que supomos constituir o suporte social do mito<sup>34</sup>.

Fazendo-o, partimos do pressuposto de que a sociologia estuda as lógicas internas dos processos sociais, o que significa que importa encontrar aquilo que não é directamente visível<sup>35</sup>, que está mineralizado ou submerso pela voz corrente (muitas vezes preguiçosa ou, no caso das elites produtoras do saber autorizado, intencional), pela ideologia, pelas regras.

O estudo das lógicas sociais permitir-nos-á transformar os factos sociais em factos sociológicos, detectando as relações escondidas nas situações e os conflitos disfarçados na harmonia externa<sup>36</sup>.

#### 2.3.2. 1. Conceito de crise

No seu sentido médico original, a crise é uma perturbação<sup>37</sup> que permite um diagnóstico. Transposto para o mundo social, o conceito tem dois níveis:

<sup>33</sup> Esta posição, ainda que pessoal, é fortemente tributária de uma afirmação do sociólogo francês Alain Touraine, por nós registada quando de um curso seu dado em 2001 na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris.

<sup>34</sup> Veja Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van, *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1998, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 26-28.

<sup>35</sup> Houtart, François, *Sociologia da religião*. São Paulo: Editora Ática, 1994, p.23.

<sup>36</sup> Touraine, Alain, *Pour la sociologie...*, *op.cit.*, *passim*.

<sup>37</sup> Este conceito racionalizador é, porém, frequentemente dúbio e supõe a existência de um estádio ou de estádios anteriores sem "problemas", o que é sempre bem difícil de provar.

1. Revelador significativo de realidades latentes ou subterrâneas
2. Revelador significativo de conflito

Uma crise não só revela quanto desencadeia uma problematização.

A problematização, por efeito e contra-efeito (inquietação ou angústia), põe em marcha um processo, frequentemente mitológico, de racionalização, digamos que de domesticação do desconhecido, destinado a colmatar a brecha e a inquietação sociais surgidas com a subversão do habitual. Nesse processo sinuoso, com uma fase terminal paroxística, a busca de culpados, de bodes expiatórios joga um papel fundamental e dramático<sup>38</sup>.

Ora, a crença objectivamente falsa, mas subjectivamente sentida como verdadeira, de que o Governo produz intencionalmente a cólera através do cloro, actua sob os seguintes registos (ampliando, agora, o quadro dos dois níveis atrás apresentado):

1. Como um fusível que revela digamos que um *sobre-aquecimento* social intolerável que importa investigar e do qual ou no qual mortes em excesso agem como aceleradores ou enzimas;
2. Como sentido social múltiplo enquanto estrutura mitológica, no seu mostrado-oculto<sup>39</sup>;
3. Como desnudador de uma tensão social cuja superfície se traduz por um conflito de interpretações<sup>40</sup> (o Governo a querer erradicar a cólera com o cloro, as populações convencidas de que o cloro se destina a introduzir a cólera e a matá-las).

<sup>38</sup> Estivemos a citar e a adaptar Morin, Edgar, *La rumeur d'Orléans*. Paris:Essais/Seuil, 1969, pp. 249-250.

<sup>39</sup> Veja Ricoeur, Paul, *O conflito das interpretações, Ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: IMAGO Editora, 1978, pp.14-15.

<sup>40</sup> *Passim*.

### 2.3.2.2. Eclipse do social e busca de bodes expiatórios

Todo o processo da crise visa como que eliminar a *poluição* social existente e permitir o regresso a uma espécie de estado anterior, considerado, agora, por reavaliação, como bom. O processo social é visto como insuportável, como absolutamente indiferenciador, como nivelador de tudo e de todos. A ordem social colapsa, é posta em questão. Ocorre, então, o eclipse do social.

Oito registos mapeam a crise:

1. É real, com contornos bem visíveis, com explosões sociais musculadas;
2. É transcultural, quer dizer que não pertence a um quadro cognitivo específico a esta ou àquela cultura;
3. É trans-histórica, quer dizer que a sua ocorrência transcende épocas históricas determinadas;
4. Os procedimentos de inferência não assentam em causas naturais, mas em causas sociais<sup>41</sup>. O princípio não é “o que provoca isto?”, mas “quem me (nos) faz mal e por quê?”<sup>42</sup>. As causas significativas expulsam as causas naturais<sup>43</sup>;
5. A crise segrega a busca quase *natural* de bodes expiatórios<sup>44</sup>;
6. Os bodes expiatórios são seleccionados em função de tudo o que sugere afinidade culpável com a crise<sup>45</sup>; eles surgem como seres estrangeiros, passantes ocasionais, são, enfim, *acunha*<sup>46</sup>; os alvos podem não ser seleccionadas nas famílias vitimárias

<sup>41</sup> Girard, René, *Le bouc...*, *op.cit.*, pp.37-38.

<sup>42</sup> Para este tipo de regras de inferência, veja Elias, Norbert, *Engagement et distanciation*. Paris: Fayard, 1983, p.94.

<sup>43</sup> Girard, René, *Le bouc...*, *op.cit.*, pp. 144-145.

<sup>44</sup> *Idem*.

<sup>45</sup> *Idem*.

<sup>46</sup> O termo *acunha* reenvia para autoridade, “poder”, função, etc., independentemente da raça.

tradicionais (um parente, uma mulher idosa considerados feiticeiros pelos curandeiros, os *moculucana*), mas entre as figuras ao serviço da modernidade (administradores ou chefes de postos administrativos, enfermeiros, *mapéwé*<sup>47</sup>, *apwiyamwene*<sup>48</sup>, parteiras, extensionistas de ONGs, etc.);

7. Os bodes expiatórios podem sofrer uma conversão cultural. Assim, podem surgir como formulações modernas dos *madjini* tradicionais. Este é um processo simultaneamente velho (recurso à imputação causal da tradição) e novo (o panteão da *madjinidade* actualizado, modernizado);
8. A busca de bodes expiatórios gera violência colectiva redentora como se destinada a evacuar a poluição social<sup>49</sup>.

É a marcha do que chamamos *efeito Machault*, um efeito universal que nada tem, uma vez mais, de especificamente nampulense ou *macua*.

### 2.3.2.3. Efeito Machault

O poeta francês Guilherme de Machault escreveu em meados do século XIV um poema pouco conhecido mas que tem um grande valor sociológico. Ele reportou que as comunidades francesas estavam agitadas quer por caírem “pedras” (granizo) do céu, quer, especialmente, por morrerem muitas pessoas com o que hoje chamamos peste negra.

Agitadas, interrogadoras, perplexas, as comunidades entraram rapidamente em convulsão e a resposta às causas do mal-estar foi encontrada nos judeus e nos seus “amigos” cristãos. Estes foram considerados responsáveis pelas mortes *porque* envenenavam as fontes de água. Seguiram-se a violência e a chacina.

<sup>47</sup> Chefes das chefaturas tradicionais.

<sup>48</sup> Rainhas, pertencentes às linhagens nobres dos *mapéwé*.

<sup>49</sup> Girard, René, *Le bouc...*, *op.cit.*, pp.144-145

Tivemos como pressuposto que o articulado de fenómenos ocorridos nas zonas costeiras de Nampula não é, na sua lógica, no que possui de convulsão, de regras de inferência e de vitimização, muito diferente do que se passou nas comunidades francesas. Vivendo uma crise, os actores locais são prisioneiros de um duplo constrangimento.

### 2.3.2.4. Duplo constrangimento

Num texto de Edgar Poe, dois pescadores viram-se confrontados com um turbilhão. Um, o mais velho, entrou em pânico e acabou por ser sorvido e morrer. O outro, porém, foi capaz de estudar o fenómeno e de encontrar uma solução para sobreviver, auto-controlando-se e, assim, controlando a situação<sup>50</sup>.

Esta história dos pescadores reenvia para a interdependência funcional entre equilíbrio afectivo e o processo sob o qual esse equilíbrio tem lugar.

Uma forte exposição aos perigos inerentes a um processo aumenta o carácter emocional das reacções humanas.

Ao mesmo tempo, uma forte emotividade na reacção diminui as possibilidades de uma apreciação realista dos perigos<sup>51</sup>.

Esse é o coração do *double bind*, do duplo constrangimento. Esse é, também, no nosso corpo teórico, uma chave-mestra dos acontecimentos em Nampula.

## 3. Técnicas e objectivos

O corpo teórico da pesquisa foi operacionalizado num quadro metodológico especialmente seleccionado para surtir efeitos em

<sup>50</sup> Elias, Norbert, *Engagement...*, op.cit., pp. 77-78.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 79.

zonas nas quais prevíamos enfrentar muitas dificuldades de recepção e compreensão dos objectivos do nosso trabalho.

O quadro metodológico foi construído com as seguintes técnicas e objectivos:

TÉCNICAS	OBJECTIVOS
1. Trabalho de arquivo ("Notícias" de 1973/1974, 1994/1995 e 1997 <sup>52</sup> ; internet <sup>53</sup> ; literatura colonial impressa e cinzenta, incluindo a confidencial e secreta, no Arquivo Histórico de Moçambique)	(1) Verificar se houve antes de 1998 fenómenos de crença do mesmo tipo daquele que constitui a razão de ser da pesquisa; (2) inventariar fenómenos propícios a criar ou a facilitar a crença em estudo
2. Entrevistas individuais estruturadas (sedes de distritos ou de postos administrativos)	Conhecer as opiniões de agentes <i>produtores de opinião</i> ao nível da "modernidade" e da "tradição" <sup>54</sup> em relação aos objectivos da pesquisa; registos de depoimentos de enfermeiros, professores (de preferência de biologia) do EP2, matronas, <i>mapéwé</i> , <i>apwiyamwene</i> e <i>influentes locais</i> <sup>55</sup>
3. Entrevistas em foco a efectuar em bairros e aldeias <sup>56</sup>	<i>Idem</i> no tocante às pessoas mais humildes, especialmente mulheres

<sup>52</sup> A pesquisa no "Notícias" teve por objectivo verificar se a estrutura mitológica em estudo precedeu ou foi contemporânea de períodos caracterizados por fenómenos políticos "fortes" (transição em 1974, independência nacional em 1975, eleições presidenciais e legislativas de 1994).

<sup>53</sup> Referência: www.mol.co.mz/

<sup>54</sup> Estes termos, cheios de ambiguidade, têm apenas a função de simplificar rapidamente a classificação dos actores.

<sup>55</sup> Foi nossa preocupação evitar entrevistar os actores quer governamentais quer directamente ligados ao aparelho político formal. Mas o trabalho de campo mostrou-nos que vários dos depoentes estavam e estão ligados a um e outro campo.

<sup>56</sup> O objecto da pesquisa exigia um grande investimento no contacto face-a-face. Daí o termos decidido empenhar muitas horas nas entrevistas, individuais e em foco, marginalizando, de alguma maneira, a metodologia baseada no questionário com amostragem probabilística, cuja aplicação seria, certamente, problemática, dada a tensão e o receio existentes. Todos os nossos entrevistados foram mantidos no anonimato. Por outro lado, as entrevistas foram construídas no sentido de cobrir um

4. Questionário (a administrar nas sedes distritais ou de localidade e na cidade de Nampula a turmas de estudantes do EP2)	Avaliar o tipo de inferência causal e o potencial de crença em fenómenos extra-humanos de estudantes no limiar do ensino secundário
5. Diário de campo	Registo perceptual diário pelos investigadores, com base num guião, de tudo o que permeasse a pesquisa

## 4. Resultados da investigação

Vamos agora apresentar os resultados da investigação divididos em três unidades: período pré-1998, situação em 1998 e situação entre 1999 e Agosto de 2002.

### 4.1. Período pré-1998

1. A epidemia da cólera é antiga no país e há quem tenha defendido que o seu aparecimento data de 1859, na Ilha de Moçambique<sup>57</sup>;
2. Não foi encontrada evidência empírica da existência de cólera em Nampula entre 1946 e 1974<sup>58</sup>;

largo espectro de temas de natureza vária, por forma a dar ao mito um contexto adequado e uma retaguarda causal ampla e prismática.

<sup>57</sup> Notícias de 27/09/1995.

<sup>58</sup> Fundo do Governo Geral, Inspeção dos serviços Administrativos e dos Negócios Indígenas, Cx. 77, H. E. de Sousa, *Relatório da Inspeção Ordinária ao Distrito de Nampula, Província do Niassa*, 1946-48, vols 1/3; *Relatório da Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene*, anos 1955/56, s/p; Cx. 84, A. de Miranda Raposo, *Relatório da Inspeção Ordinária à Administração do Concelho de Moma*, 1967; Cx. 79, José F. Modesto, *Relatório da Inspeção Ordinária à Administração do Concelho de António Enes*, 1968, vol.1; Cx.2131, *Relatório da Direcção dos Serviços de Saúde e Assistência*, 1969; Fundo do Governo Geral, Secreto, Cx 2303, *Sitrep circunstanciado n° 52/70*, GOVDM/Nampula, s/p. Um relatório de 1973 nem sequer considera refere a cólera como doença a ter em conta nos planos de prevenção em Moçambique – veja Direcção dos Serviços de Planeamento e Integração

3. Não foi encontrada evidência empírica da existência antes de 1998 de agitação social provocada pela crença;
4. Não foi encontrada evidência empírica de correlação entre crença e islamismo<sup>59</sup>;
5. Uma agitação social registada na província de Nampula em 1974 foi especialmente obra de uma parte da população colona, perturbada com a proximidade da independência nacional e com a perda dos seus privilégios. Esse tipo de agitação deu-se em outros pontos do país. Ela não pode, assim, constituir a pré-história da agitação popular que se estende de 1998 a 2002 na província de Nampula<sup>60</sup>.

### 4.2. 1998: o início do *maelström*

Em 1998 acontece um fenómeno novo na história de Moçambique: eleições autárquicas. É um ano de grande tensão política, com a Frelimo apelando ao voto e a Renamo ao boicote.

Surgiram na altura vários boatos, entre os quais o da cólera intencionalmente provocada para matar as populações<sup>61</sup>.

Mas antes de descrevermos alguns desses fenómenos, expliquemos o que é um boato.

Um boato é um fenómeno de crença transsubjectiva que se espalha muitas vezes como uma bola de neve e mediante o qual um determinado fenómeno é visto como que através de um espelho deformado. O boato é a maneira como um fenómeno objectivo é visto subjectivamente. Ele traduz a distância que há entre algo que

Económica, IV Plano de Fomento, *Relatórios Sectoriais* ( Parte III, Vol. 12, Saúde, tomo 2, Saúde Pública, 1973); *Notícias* de 1973/1974.

<sup>59</sup> *Ibid.*

<sup>60</sup> *Notícias* de 1973/1974; \_\_, 1994/1995; \_\_, 1997, 2001, 2002 (último número de Junho).

<sup>61</sup> Secção baseada em Serra, Carlos, *Eleitorado...*, *op.cit.*, pp. 172-177.

se passa ou se passou e o que nós julgamos que se passa ou se passou.

O boato pode ser intencionalmente provocado ou surgir de forma espontânea.

É especialmente potente quando existe uma crise ou uma eminência de crise e, em particular, quando o meio que o acolhe e que, de alguma maneira, lhe dá o efeito bola de neve, enfrenta muitas dificuldades e carências.

É preciso não esquecer que havia muita expectativa sobre o desenrolar das eleições autárquicas, que a actualização dos dados do recenseamento eleitoral se fizera em Novembro e em Dezembro de 1997, que se discutia em 1998 no Parlamento a lei do serviço militar obrigatório, que a lei das autarquias fora aprovada em Maio, que havia muita ansiedade sobre se as eleições iriam ter lugar e sobre se a desistência da Renamo não significaria um retorno à guerra.

Portanto, existiam condições objectivas para muitas pessoas se sentirem inseguras.

É em circunstâncias de inquietação como essas que os boatos surgem ou se agudizam.

Um boato é uma crença. Muitas vezes essa crença implica uma autêntica revisão dos quadros cognitivos tradicionais e o surgimento de concepções que são objectivamente falsas mas que são sentidas como subjectivamente verdadeiras.

Mas não só: crenças falsas podem ter fundamentações verdadeiras.

Na sequência de uma pesquisa efectuada em 1998 e por nós dirigida, verificou-se haver muita inquietação entre as pessoas de Nampula e Angoche por pensarem no retorno à guerra caso a Renamo não participasse nas eleições autárquicas. Dizia-se, por exemplo, que dirigentes da Renamo se estavam a deslocar para as suas bases militares.

“No desenvolvimento destas ideias deixam as pessoas com bastante medo. E é isso que podemos ler na cara das pessoas que inquirimos.”<sup>62</sup>

A partir de Janeiro dois importantes boatos se espalharam por várias partes do País. Referimo-nos à cólera intencionalmente provocada e ao Serviço Militar Obrigatório.

O boato da cólera assumiu características peculiares em Nampula, onde a cólera teve repercussões graves, em particular no distrito de Mamba.

No bairro de Namicopo havia e há muita gente desempregada, vivendo de pequenos biscates e do pequeno comércio retalhista. A criminalidade era grande nesse bairro hostil ao governo<sup>63</sup>. Como escreveu alguém em 1998, havia nele “muita agitação”<sup>64</sup>.

Ora, em Maio de 1998 surgiram aí dois boatos. O primeiro na sequência da construção de uma enfermaria de cólera. Vejamos um relato elaborado pela nossa equipa de Nampula:

“(…) os residentes interpretaram em como sendo um lugar preferido para acabar a vida da maior parte da população residente e que nesta operação seria usada uma técnica científica avançada que teria mesmo sintoma, a da cólera, e esta seria mais violenta porque os bairros de Namicopo e Carrupeia são os mais populosos, por isso o governo fez esse estudo para reduzir o número dos populares aqui residentes e isso parou com a intervenção da polícia do governo provincial, a saída e a sensibilização da população a seguir toda essa informação (...)”<sup>65</sup>

Depois, foi o pânico, primeiro nas escolas de Namicopo e Carrupeia, a seguir em toda a cidade de Nampula, com as crianças recusando ir às aulas porque, dizia-se, pessoas, europeias e negras,

<sup>62</sup> *Comentários sobre a 2.ª inquirição da escala de atitudes.*

<sup>63</sup> *Diário de campo*, 07/03/98, 7.30 horas. Nampula.

<sup>64</sup> *Resumo dos trabalhos realizados de 7/12 de Junho.*

<sup>65</sup> *Idem.*

estavam a vacinar crianças nas escolas e elas morriam de imediato, na sequência

“de medidas que o governo tomava para diminuir o número de crianças porque eram muitas, boato que se arrastou para todas as escolas da cidade onde nesse período as crianças nas escolas eram inimigas de carros e de pessoas geralmente vestidas de branco. Se parasse um carro em frente da escola as crianças corriam que até faziam velocidade superior à dos carros para escaparem da suposta morte.”<sup>66</sup>

A crença de que as vacinas se destinavam a «diminuir» o número de pessoas surgiu, também, em Sofala<sup>67</sup>.

Ainda em Maio, eclodiu nas cidades de Nampula e Angoche o boato de que as pessoas mortas de cólera eram usadas para saldar as dívidas contraídas pelo governo. O facto de os familiares estarem interditos de visitar os doentes de cólera hospitalizados era interpretado como sendo uma tática governamental destinada a permitir a extracção clandestina de sangue e de outros órgãos destinados aos credores. A prova, segundo o boato, estava em que os cadáveres não eram entregues aos familiares, sendo embalados em plásticos<sup>68</sup>.

Na cidade de Nampula e na sequência da campanha de prevenção da cólera, foi lançado um programa de tratamento da água. Imediatamente, surgiram pessoas, nomeadamente no bairro Naticiri, a dizer que o tratamento se destinava não a impedir a cólera, mas a provocá-la<sup>69</sup>.

Estamos perante crenças cuja causalidade é objectivamente falsa, mas cuja fundamentação é sentida como subjectivamente verdadeira, mesmo ao nível das crianças.

<sup>66</sup> *Idem.*

<sup>67</sup> Jornal da manhã da Rádio Moçambique, 26/08/98, 6.00 horas.

<sup>68</sup> *Comentários sobre a 2.ª inquirição.*

<sup>69</sup> *Idem.*

Há muitos anos que em Nampula e em outras pro (designadamente Zambézia, Cabo Delgado e Niassa) se ? perda de força, de sangue e do sentido da vida a acções governamentais. Exemplar, a esse propósito, é o boato do “chupa-sangue”<sup>70</sup>.

O boato da cólera mais não é, em nosso entender, do que um prolongamento ou do que uma variação dessa grande crença transsubjectiva pela qual é suposto que a vida perde sentido ou, com mais rigor, que é intencionalmente “roubada” através do sangue.

Apodar a crença de irracional e/ou atribuí-la exclusivamente à acção premeditada dos partidos da oposição permite a adopção de cómodas soluções a-todo-o-terreno, mas que são, afinal, soluções preguiçosas ainda que estratégicas: com o apodo comprazemo-nos no papel de racionalistas traídos pela inércia da pré-modernidade ou do pensamento pré-analítico; com a atribuição, limitamo-nos a juntar à desqualificação social o sempre cómodo bode expiatório.

Antecipando um argumento a desenvolver mais à frente, pode dizer-se que o boato popular da cólera intencionalmente provocada pelo governo é uma maneira política, simultaneamente metafórica e directa, de manifestar insatisfação, falta de confiança. Até porque, como comentaram várias pessoas no bairro de Muahivire em Nampula, “quem morre só são pobres residentes nos bairros.”<sup>71</sup>

Neste sentido, o boato da cólera não é aberrante nem ilógico. Importa é conhecer as razões que as pessoas têm para crer no que crêem.

Da mesma forma, o boato sobre o recrutamento do serviço militar não ocorre por acaso. Ao conjunto de fenómenos mais atrás apresentado, veio juntar-se o conhecimento, real ou deformado, do reacender do conflito armado em Angola e do conflito armado despoletado na Guiné-Bissau. É sobre esse fundo plural que retroagiu a memória de uma guerra, a nossa, com todo o seu desfile de horrores, a começar logo no recrutamento compulsivo (“tira-camisa”) e no rapto.

<sup>70</sup> Veja Serra, Carlos, *Combates...*, *op.cit.*, pp.59-73.

<sup>71</sup> *Resumo/Diário*, 13/03/98. Nampula, 13/03/98.



estavam a vacinar crianças nas escolas e elas morriam de imediato, na sequência

“de medidas que o governo tomava para diminuir o número de crianças porque eram muitas, boato que se arrastou para todas as escolas da cidade onde nesse período as crianças nas escolas eram inimigas de carros e de pessoas geralmente vestidas de branco. Se parasse um carro em frente da escola as crianças corriam que até faziam velocidade superior à dos carros para escaparem da suposta morte.”<sup>66</sup>

A crença de que as vacinas se destinavam a «diminuir» o número de pessoas surgiu, também, em Sofala<sup>67</sup>.

Ainda em Maio, eclodiu nas cidades de Nampula e Angoche o boato de que as pessoas mortas de cólera eram usadas para saldar as dívidas contraídas pelo governo. O facto de os familiares estarem interditos de visitar os doentes de cólera hospitalizados era interpretado como sendo uma tática governamental destinada a permitir a extracção clandestina de sangue e de outros órgãos destinados aos credores. A prova, segundo o boato, estava em que os cadáveres não eram entregues aos familiares, sendo embalados em plásticos<sup>68</sup>.

Na cidade de Nampula e na sequência da campanha de prevenção da cólera, foi lançado um programa de tratamento da água. Imediatamente, surgiram pessoas, nomeadamente no bairro Natikiri, a dizer que o tratamento se destinava não a impedir a cólera, mas a provocá-la<sup>69</sup>.

Estamos perante crenças cuja causalidade é objectivamente falsa, mas cuja fundamentação é sentida como subjectivamente verdadeira, mesmo ao nível das crianças.

<sup>66</sup> *Idem.*

<sup>67</sup> Jornal da manhã da Rádio Moçambique, 26/08/98, 6.00 horas.

<sup>68</sup> *Comentários sobre a 2.ª inquirição.*

<sup>69</sup> *Idem.*

Há muitos anos que em Nampula e em outras províncias (designadamente Zambézia, Cabo Delgado e Niassa) se associa a perda de força, de sangue e do sentido da vida a acções governamentais. Exemplar, a esse propósito, é o boato do “chupa-sangue”<sup>70</sup>.

O boato da cólera mais não é, em nosso entender, do que um prolongamento ou do que uma variação dessa grande crença transsubjectiva pela qual é suposto que a vida perde sentido ou, com mais rigor, que é intencionalmente “roubada” através do sangue.

Apodar a crença de irracional e/ou atribuí-la exclusivamente à acção premeditada dos partidos da oposição permite a adopção de cómodas soluções a-todo-o-terreno, mas que são, afinal, soluções preguiçosas ainda que estratégicas: com o apodo comprazemo-nos no papel de racionalistas traídos pela inércia da pré-modernidade ou do pensamento pré-analítico; com a atribuição, limitamo-nos a juntar à desqualificação social o sempre cómodo bode expiatório.

Antecipando um argumento a desenvolver mais à frente, pode dizer-se que o boato popular da cólera intencionalmente provocada pelo governo é uma maneira política, simultaneamente metafórica e directa, de manifestar insatisfação, falta de confiança. Até porque, como comentaram várias pessoas no bairro de Muahivire em Nampula, “quem morre só são pobres residentes nos bairros.”<sup>71</sup>

Neste sentido, o boato da cólera não é aberrante nem ilógico. Importa é conhecer as razões que as pessoas têm para crer no que crêem.

Da mesma forma, o boato sobre o recrutamento do serviço militar não ocorre por acaso. Ao conjunto de fenómenos mais atrás apresentado, veio juntar-se o conhecimento, real ou deformado, do reacender do conflito armado em Angola e do conflito armado despoletado na Guiné-Bissau. É sobre esse fundo plural que retroagiu a memória de uma guerra, a nossa, com todo o seu desfile de horrores, a começar logo no recrutamento compulsivo (“tira-camisa”) e no rapto.

<sup>70</sup> Veja Serra, Carlos, *Combates...*, *op.cit.*, pp.59-73.

<sup>71</sup> *Resumo/Diário*, 13/03/98. Nampula, 13/03/98.

O medo era tão grande que, por exemplo, as inscrições que decorriam na Direcção Distrital do Trabalho em Angoche para candidatos a emprego foram confundidas com uma forma de recrutamento para a guerra. Mesmo crianças difundiram o boato.<sup>72</sup>

Por todo o lado correu o boato do recrutamento militar destinado a enviar mancebos para Angola e Guiné.<sup>73</sup>

A “subjectivação” e a extrapolação efectuada nada têm de anormal. Também neste caso estamos perante uma crença que mostra pouca confiança no Estado.

Não há evidência de ter sido a Renamo a criar os boatos, ainda que seja muito razoável supor que ela tivesse tentado usar o recurso político de apresentar a Frelimo como incapaz de resolver os problemas sanitários das pessoas<sup>74</sup> e, portanto, como ilegítima.

As pessoas não precisam de partidos para acreditar no que acreditam. Muitas vezes, imputar coisas à Renamo ou à Frelimo é uma boa maneira de recusar às pessoas o direito à opinião e à crítica.

Finalmente, não é possível excluir o impacto dos boatos apresentados na abstenção verificada nas eleições de 30 de Junho, em particular em Nampula e Angoche, onde a acção combinada dos dois boatos (cólera premeditada e SMO) parece ter sido mais intensa.

<sup>72</sup> *Diário de campo*, 28/02/98, 6.00. Angoche; \_\_, *Síntese das actividades de Fátima Colete em Angoche*. Nampula, 9/03/98.

<sup>73</sup> *Diário de campo*, Dia 18 de Fevereiro de 1998, 8.00 horas. Chimoio; \_\_, *Entrevista a Mua Ahmed Sidat*, 18/02/98. Chimoio; EN, *Reacções face ao adiamento das eleições de 29 de Maio para 30 de Junho de 1998*. Nampula, 13/04/98; *Diário de Moçambique* de 12/02/98, p.2.

<sup>74</sup> Pense-se nas centenas de pessoas que morreram de cólera, especialmente na Beira.

### 4.3. Situação entre 1999 e Agosto de 2002

Nesta secção daremos primeiro conta dos dados gerais de arquivo e, a seguir, dos dados obtidos na pesquisa de terreno.

#### 4.3.1. Dados gerais de arquivo

As conclusões do levantamento arquivístico podem ser apresentados nos seguintes 22 pontos<sup>75</sup>:

##### 1998

1. Os primeiros boatos de que a cólera é intencionalmente provocada datam de 1998. A crença de que o Governo está a introduzir a cólera mediante o cloro teve e tem Nampula como seu palco principal, ainda que também tivesse surgido em Niassa em 2002<sup>76</sup>. Não foi encontrada evidência empírica de que o boato tivesse aparecido em áreas onde a incidência da epidemia foi tão ou mais intensa, como em Maputo.

##### 1999

2. Neste ano o boato não está visível, apesar da tensão política prevalente.

<sup>75</sup> Serra, Carlos, *Eleitorado...*, op.cit., pp.172-177.

<sup>76</sup> No tocante a Niassa, veja *Faisca* de 07/02/2002, p.7.